

## RESENHA

LAGRÉE, JACQUELINE. *LE NEOSTOÏCISME: UNE PHILOSOPHIE PAR GROS TEMPS*.  
PARIS: LIBRARIE PHILOSOPHIQUE J. VRIN. 2010

Taynam Santos Luz Bueno<sup>1</sup>

Jacqueline Lagrée, professora emérita da Universidade de Rennes, bem como célebre pensadora das questões filosóficas dos séculos XVI e XVII, lançou no ano de 2010 um imprescindível livro acerca da recuperação da corrente estoica no Renascimento europeu. Ainda sem tradução para o português, apesar da importância de sua temática para as novas leituras e interpretações deste período em solo brasileiro, o livro convida o leitor a introduzir-se no pensamento de um conjunto de autores que seriam denominados neoestoicos posteriormente. O objeto de pesquisa central deste texto é certa recuperação de temas e teses da filosofia, nas palavras da autora, que trazem consigo grande inspiração corporalista, universalista, voluntarista e racionalista (LAGRÉE, 2010, pp.12-13) e que, desde a Antiguidade – notadamente entre estoicos -, são evocadas por pensadores no enfrentamento de períodos de grandes adversidades, *gros temps*, para utilizarmos o vocabulário francês. Conforme demonstrado ao longo do livro, Lagrée se debruça especialmente na produção intelectual filosófica europeia desenvolvida entre os anos de 1580 e 1650, na busca de tentar – a despeito de sua diversidade – alinhar um conjunto de obras, temas e autores representativos deste período; alinhar, portanto, os expoentes principais de um movimento filosófico e intelectual que mais tarde seria conhecido como neoestoicismo, apesar de todas as dificuldades e contradições enfrentadas na afirmação de um *corpus* neoestoico propriamente dito. Como se sabe, tais anos (entre 1580 e 1650) são lembrados pelos estudiosos da recepção estoica como anos de especial florescimento da doutrina do pórtico na Europa, como bem apontado pela autora. O livro em questão, objeto desta resenha, é intitulado *Le néostoïcisme: une philosophie par*

---

<sup>1</sup> Professora de Filosofia na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e no Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFIL/UFAL). Doutora em filosofia pela Universidade de São Paulo - USP (2016) e Université de Paris I - Pantheon-Sorbonne (2014). Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/0841545514343407> . Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2416-0282> . E-mail: [taynam.bueno@ichca.ufal.br](mailto:taynam.bueno@ichca.ufal.br).

*gros temps* e não poderia descrever melhor o mote deste florescimento, afinal, é trazida à tona, a todo momento, a importância dada por Lagrée ao contexto histórico e político daquele período. Vale ressaltar a centralidade das transformações profundas pelas quais a sociedade europeia passara entre os séculos XVI e XVII, transformações que – segundo a tese da autora – favoreceram o renascimento e a disseminação da ética das virtudes estoica em solo europeu. Os desdobramentos oriundos da descoberta do “Novo” Mundo algumas décadas antes, as famigeradas guerras de religião que reorganizaram de modo político, religioso e cultural o velho continente e que, conjuntamente com as epidemias de toda ordem, arrastaram milhões de mortos por todo o território, bem como as intensas transformações territoriais e econômicas, inegavelmente deixaram marcas na filosofia do Renascimento e influenciaram a retomada do pensamento estoico antigo neste período. Se a filosofia estoica popularizou-se na Antiguidade, durante o difícil e conturbado contexto social e político do período helenístico, graças a sua imensa capacidade consolatória e de direcionamento moral, na Europa renascentista não seria diferente. Assim, foram sem dúvida os dolorosos eventos sociais e políticos do período, aliados à emergência de um direcionamento ético dos homens comuns (e especialmente de seus príncipes), que permitiram o desabrochar das filosofias helenísticas pagãs no Renascimento e sua compatibilização com o cristianismo em voga neste período.

Metodologicamente, Jacqueline Lagrée realiza um caminho interessante nesta obra. Indica os principais representantes do chamado neoestoicismo, aponta igualmente quem são os interlocutores deste movimento com a doutrina cristã, passa pela recuperação dos principais tópicos referentes à lógica, à física (à metafísica), à teologia para, enfim, debruçar-se acerca da ética e da política, áreas certamente de maior relevância quanto à recepção do estoicismo nos séculos XVI e XVII. No entanto, a autora não realiza este percurso de modo ingênuo ou desavisado. Desde o início do texto Lagrée problematiza, com grande clareza, alguns pontos nevrálgicos que merecem destaque para que se compreenda a dificuldade de se estabelecer a retomada de uma heterogênea doutrina antiga num período igualmente multifacetado.

Em primeiro lugar, dentre os pontos que merecem destaque, Lagrée aponta a dificuldade, existente desde a Antiguidade, em decretar inequivocamente pontos fixos no ideário do próprio estoicismo. Retoma o fato, ainda que introdutoriamente, que autores estoicos – desde sua fundação com Zenão de Cítio – divergem quanto à interpretação do principal dogma da escola proferido por seu fundador: “*homologouménôs zeîn*”. Tal sentença, traduzida grosseiramente como “viver em acordo, em conformidade”, suscitou intensos debates no contexto das escolas helenísticas entre os pensadores da *stoa*, levando a uma diversidade de entendimentos quanto ao seu significado

primordial e permitindo o desenvolvimento de uma variada gama de inclinações teóricas desde então. Assim, a autora francesa demonstra bastante bem que a diversidade teórica do estoicismo, desde sua origem, deve ser igualmente levada em consideração na compreensão de sua recepção. Afinal, como indicado no livro, o estoicismo permite, por sua própria natureza, retomadas e reinterpretações realizadas de modo multifacetado e heterogêneo. A recepção renascentista, neste sentido, é bastante difícil de ser caracterizada e alinhavada e está é uma das grandes contribuições de Lagrée ao introduzir-nos aos chamados neoestoicos. É explicitado que existe um grande número de autores no período, que cada um destes autores busca refúgio e fundamento em um caminho da tradição, que se movimentam em um extenso tabuleiro filosófico. A autora nos apresenta seus nomes, seus principais pontos de convergência com as temáticas estoicas sem, contudo, deixar de assinalar afastamentos e divergências proeminentes em relação à doutrina. Jacqueline Lagrée não se limita às aproximações e distanciamentos relativos ao estoicismo, traz à baila as contribuições e inovações promovidas pelo próprio neoestoicismo, sobretudo pensadas em razão da síntese do pórtico com o pensamento cristão e neoplatônico posterior.

Em segundo lugar, identificar um conjunto específico de autores que possam ser considerados "neoestoicos", pelas razões mencionadas acima, é uma tarefa extremamente desafiadora, como já dito. Não apenas a distância temporal dos primeiros expoentes torna qualquer interpretação superficial inviável, mas também a chegada do cristianismo, a consolidação das doutrinas de Platão e Aristóteles na era medieval, bem como o surgimento do protestantismo são eventos marcantes no panorama do pensamento ocidental. Esses acontecimentos exerceram uma influência inegável na diversidade de interpretações do estoicismo, permitindo que uma grande gama de autores, tais como Justus Lipsius, Guillaume du Vair, Pierre Charron, Hugo Grotius e Simon Goulart, contribuíssem com as discussões éticas e políticas do período. Para cada um destes pensadores, Jacqueline Lagrée oferece uma brevíssima introdução biográfica, para situar o leitor iniciante, ao passo que no decorrer de sua obra, traz aproximações e divergências de interpretações destes autores quanto ao estoicismo médio e imperial. Na parte final da obra, a professora francesa ainda aponta importantes nomes da história da filosofia que prolongaram a crítica aos estoicos, tais como Pascal, Malebranche e Leibniz.

Lagrée, em seu livro *Le néostoïcisme: une philosophie par gros temps*, parece adotar uma estrutura de divisão do discurso filosófico que remonta à Antiguidade estoica. Essa divisão tradicionalmente compreende as partes da filosofia como a dialética, a física e a ética. Ao seguir essa trilha teórica, a autora francesa parece percorrer um caminho que se inicia na cosmologia estoica

e em sua física, avançando em direção à ética. No entanto, realiza tal percurso levando em consideração as aproximações e afastamentos realizados pelos autores ditos neoestoicos em relação ao pensamento original do pórtico, ao mesmo tempo que inclui, entre os tópicos teóricos abordados no livro, as subdivisões filosóficas típicas do Renascimento e os acréscimos teóricos desenvolvidos por seus pensadores, como exposto acima. Afinal, o neoestoicismo não é – como bem demonstrado por Lagrée – uma simples cópia do estoicismo de outrora no Renascimento. No caminho teórico realizado pela professora francesa há a valorização das questões teológicas e de seus diálogos com a doutrina cristã, bem como há espaço para oferecer um retrato do que o neoestoicismo patentemente ofereceu enquanto novidade teórica: uma contundente síntese entre o estoicismo e o cristianismo. Assim, a física, a cosmologia e a ordem do universo são temas presentes, com atenção especial para o debate sobre liberdade, providência e fortuna. Esses temas são particularmente significativos para os renascentistas devido aos desdobramentos éticos do período que, em consonância com o realismo político em voga no mínimo a partir de Maquiavel, exigiram a construção de um novo sujeito de ação política. Outros tópicos discutidos pela autora em relação às artes, à cultura e às produções intelectuais marcam a inclinação neoestoica do Renascimento, dentre eles alguns que nos são bem familiares quando se fala de estoicismo, tais como o controle das paixões, a afirmação da liberdade de ação e de escolha, a premeditação da morte, a proeminência da razão, a importância do trabalho sobre si, a obediência à lei e ao bom príncipe, etc.

Sem esgotarmos todos os temas e nuances do caminho teórico proposto pela professora, vale a pena nos debruçarmos com mais intensidade na ética e na política, áreas de maior interesse dos autores renascentistas e com maiores desdobramentos quanto à recuperação das ideias estoicas, sobretudo se levarmos em consideração – como fazem os neoestoicos – o ideário da *stoa* em seu período médio e, principalmente, imperial. A recuperação da filosofia estoica permitiu aos autores do Renascimento avançarem em alguns temas importantes da ética e da política, como por exemplo no aprofundamento da noção de individualidade e sua relação com a construção da ideia de cidadania, sempre fundadas idealmente na virtude. Além do mais, contribuiu sobremaneira a recuperação do ideário estoico imperial para a construção de um certo ideal de homem político, sujeito de ação, que é especialmente requerido em tempos instáveis, fato que inspirou a construção de importantes espelhos de príncipes no período. Ganha destaque neste íterim, no contexto do realismo político, a edificação de virtudes necessárias ao bom príncipe, com especial relevância para a *prudencia*, virtude que o guiará ao sucesso político.



Por esses motivos, a introdução ao neoestoicismo promovida pelo livro *Le néostoïcisme: une philosophie par gros temps* merece atenção da comunidade acadêmica brasileira. A abordagem clara e sistemática empreendida por Jacqueline Lagrée, suas indicações de temas e autores que marcaram o período, suas generosas referências bibliográficas e preciosos comentários certamente levarão o pesquisador a olhar com novos olhos para o Renascimento.